

Beato Guilherme José Chaminade, uma vida ao serviço da missão¹

A proximidade da celebração do bicentenário da fundação das Filhas de Maria Imaculada (1816) e da Companhia de Maria (1817), nos leva a novamente evocar a figura do fundador, Guilherme José Chaminade.

TEMPOS NOVOS

A longa vida de Chaminade (Périgueux, 1761 – Bordéus, 1850) só é compreensível a partir de sua dedicação ao serviço da missão da Igreja. A nova situação da fé cristã nos tempos modernos fez que a Igreja tivesse que repensar a evangelização do mundo moderno e do novo mundo apenas descoberto. Desde o século XVI busca-se responder aos desafios sempre novos que a sociedade pede ao anúncio da fé cristã.

Chaminade é um homem de ação e não um intelectual. É um autêntico missionário, preocupado pelo destino da fé na França católica de seu tempo, a qual vai suportar várias revoluções. Nos deixou uma grande obra, a Família marianista. Chegaram até nós muitos de seus escritos, quase nenhum publicado durante sua vida, pois são fruto de suas atividades pastorais e não de seus estudos.

OS DESAFIOS DA NOVA CULTURA

Quando Chaminade foi ao seminário menor de Mussidan em 1761 para estudar, nada fazia prever a tempestade que se aproximava. É verdade que a Ilustração estava criando um novo clima cultural em uma sociedade tradicionalmente católica. Pela primeira vez era questionado o chamado “Antigo Regime”, no qual existia uma aliança do trono e do altar. As ideias foram consideradas perigosas tanto pela Igreja como pelo Estado, mas ao final criou um movimento popular incontrolável.

Chaminade foi estudar com seu irmão Luís neste seminário, porque seu irmão João Batista, sacerdote diocesano após a extinção da Companhia de Jesus (Jesuítas), era professor também no seminário. Junto com outros sacerdotes formavam neste seminário uma pequena comunidade religiosa, São Carlos de Mussidan, inspirada na espiritualidade jesuíta. Dedicavam-se à formação da juventude, para preveni-la do contágio das novas ideias. Neste centro escolar, futuros sacerdotes e outros estudantes que queriam receber uma formação humanista, estudavam juntos. Para os sacerdotes que animavam a comunidade a educação era uma tarefa eminentemente evangelizadora. Chaminade aos 16 anos uniu-se a este grupo de religioso.

Depois de estudar teologia neste seminário, com algumas estâncias em Bordéus e Paris, foi ordenado sacerdote e trabalhou como capelão, administrador e professor, entre outras matérias matemáticas. Tudo transcorreu tranquilamente até o sobressalto da Revolução francesa, em 1789.

VOLTA AO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Em 1791 o novo regime republicano apoderou-se do edifício e a comunidade teve que dispersar-se. Chaminade mudou-se com seus pais para Bordéus. Ao implantar-se o regime do terror contra os sacerdotes que não haviam jurado a constituição civil do clero, prestando obediência à república e não ao Papa, Chaminade teve que submergir-se na clandestinidade. Foi assim como reviveu a situação dos primeiros cristãos em uma Igreja perseguida.

Em 1797 teve que sair exilado para Espanha e viver em Zaragoza. Durante os três anos que residiu nesta cidade, viveu em uma comunidade de sacerdotes, que podiam celebrar a missa em sua comunidade, mas estava proibida toda atividade pastoral. Não era só porque não sabiam a língua, mas também porque o governo espanhol suspeitava que os sacerdotes franceses chegavam com ideias revolucionárias. Isso não apagaria a paixão pela missão de Guilherme José Chaminade. Ele continuou cultivando seu ser missionário por meio da oração, do estudo e da reflexão com os outros sacerdotes, preparando a futura evangelização da França quando regresassem.

UMA IGREJA DE LEIGOS

Regressou novamente a Bordéus em 1800 com um projeto muito claro de evangelização. A nova Igreja tinha que apoiar-se nos leigos, que deviam assumir o protagonismo missionário que brota do Batismo. Voltar a ressuscitar as antigas Congregações marianas e as missões populares foram os meios preferidos para reconstruir a trama eclesial.

Colocou imediatamente mãos à obra. Para legitimar sua atuação obteve do Papa o título de Missionário apostólico, que lhe permitia atuar em todas as dioceses, sempre em colaboração com os bispos. Chaminade considerou-se sempre um missionário de Maria. Foi seu título a legitimação e a fonte de inspiração de todas suas iniciativas pastorais. O futuro da Igreja naqueles momentos estava nos jovens que não haviam vivido no tempo revolucionário dos pais, mas que tampouco haviam recebido uma formação cristã.

Iniciou a reconstruir a Igreja desde as Congregações marianas, não das paróquias. As congregações eram comunidades de base nas quais cada integrante exercitava sua vida cristã. Formavam-se como discípulos-missionários. Constituíram-se em missão permanente. Já não eram as antigas congregações elitistas, mas viviam à altura das circunstâncias. Viviam em uma sociedade nova, na qual desapareceram os *status* sociais e as mulheres começavam a reivindicar seu protagonismo. Chaminade sempre colocou em prática o princípio cristológico e eclesial da “união sem confusão”. Existiam Congregações de jovens, masculinas e femininas e Congrega-

ções de adultos, masculinas e femininas, ao serviço dos jovens. Inclusive, Congregações de sacerdotes. Cada um tinha sua vida independente, mas formavam uma Congregação em cada cidade e também se reuniam frequentemente todos de uma cidade. A Congregação mariana era uma comunidade de comunidades. A Congregação era uma milícia às ordens da Virgem Imaculada, a cujo culto estavam consagrados e com quem contraíam uma autêntica aliança.

Napoleão suprimiu a Congregação em 1809, por acreditar que algum membro estivesse implicado em uma conspiração contra sua vida. Desapareceu seu caráter oficial, mas Chaminade seguiu reunindo-se com alguns dos congregantes. A estes os convidava a seguir Jesus com maior radicalidade. Propôs, tanto aos jovens como às jovens, viver no mundo os votos de pobreza, castidade e obediência. Em 1813 a “Pequena Associação” de Adela integra-se na Congregação de Bordéus.

OS RELIGIOSOS, ANIMADORES DOS LEIGOS

Com a queda de Napoleão e a Restauração foi possível restaurar a Companhia de Jesus e criar novas congregações religiosas que viviam os votos em comunidades. Foram Adela e suas companheiras que se adiantaram, professando-os em 1816. Um ano mais tarde são informadas por Adela que o pe. Chaminade acabava de fundar a rama masculina da Congregação. De fato, em maio de 1817, o jovem congregante Juan Lalanne confia ao pe. Chaminade sua decisão de entrar em um estado de vida parecido ao seu e se coloca à sua disposição com o objetivo de estabelecer os primeiros fundamentos de um novo Instituto religioso.

Chaminade expressou sua visão: “A vida religiosa é à Igreja o que a Igreja é ao mundo.”. É inimaginável a restauração da fé cristã sem a existência da vida religiosa. Os religiosos não são melhores que os leigos cristãos, mas adotam um estilo de vida que permite a eles estar ao serviço da fé dos cristãos. As comunidades dos Congregantes necessitam uma garantia que sempre haverá pessoas dedicadas à sua animação. Chaminade chamou de “o Homem que não morre.”. No dia 2 de outubro cinco jovens congregantes efetivamente colocaram-se à disposição do pe. Chaminade para começar uma nova Ordem religiosa projetada, a Companhia de Maria. Começaram o noviciado e com assim a fundação. Fizeram os primeiros votos no dia 5 de setembro de 1818.